



## CIÊNCIAS HUMANAS

## Semana da Consciência Negra no IFSP: Práticas e Reflexões

### *Week Black Awareness in IFSP: Practices and Reflections*

Alexandre da Silva de Paula<sup>1</sup>; Carlos Roberto Waidemam<sup>1</sup>; Eder Aparecido de Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por finalidade descrever e analisar uma experiência educacional, enquanto ação de extensão, com a organização de duas edições do Evento “Semana da Consciência Negra” no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Câmpus Votuporanga, realizadas nos anos de 2014 e 2015. O público-alvo consistiu, preferencialmente, na comunidade interna da instituição, sendo aberto o convite para a comunidade externa. Nesses eventos, foram introduzidas, por meio de variada programação, temáticas e discussões relacionadas à valorização da diversidade cultural – especialmente africana, e, indiretamente, procurou-se desconstruir preconceitos raciais impregnados nas entrelinhas do cotidiano educacional.

**Palavras-chave:** *Semana da Consciência Negra, Cultura Afro-Brasileira, Extensão, Ações Afirmativas.*

### ABSTRACT

*The current text aims to write about one educational experience, as an extension action, with the development of two editions of the event called “Week of Black Awareness”, developed by the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP) - Votuporanga campus, held between 2014 and 2015. The target audience was preferably constituted of the internal community of the institution – which did not prevent the participation of external public. In those events, were introduced, by means of varied programming, themes and discussions related to the highlighting of the cultural diversity, especially African, and indirectly deconstruct racial prejudice impregnated between the lines of the Educational daily routine.*

**Keywords:** *Week Black Awareness, Afro-brazilian Culture, Extension, Affirmative Actions.*

---

<sup>1</sup> IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Votuporanga/SP – Brasil.

## 1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SUPERANDO O RACISMO À BRASILEIRA

Segundo Foucault (2000), o racismo é um meio de introduzir, no domínio da vida, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. O conceito de racismo foi desenvolvido durante o século XVIII a partir da racionalidade biológica sobre os seres humanos, tendo como fatores determinantes a hierarquia, a distinção e qualificação de raças como boas ou ruins.

*"Gerindo a mestiçagem apoiado em saberes científicos, a partir dos quais eram definidas determinadas práticas políticas, o discurso eugênico encontrava na noção de raça, em sua ênfase biológica, a categoria mobilizadora de uma série de reflexões" (KERN, 2005, p. 16).*

É prudente salientar que houve, efetivamente, uma proposição segregacionista por parte dos Estados Nacionais que exploraram o trabalho escravo. O conceito de biopoder, cunhado por Foucault (2000), nos auxilia na compreensão desse fenômeno histórico, que envolveu o discurso de superioridade da raça caucasiana. Para o autor, o racismo consiste num mecanismo fundamental de poder do Estado e

*"[...] uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológica no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, dividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder" (FOUCAULT, 2000, p. 305).*

Com efeito, o biopoder, enquanto uma tática do Estado, atuou em modos de subjetivação ou práticas de self, tendo como base o modelo darwiniano aplicado à sociedade.

*"[...] depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de urna biopolítica da espécie humana" (FOUCAULT, 2000, p. 289).*

No Brasil, prevalece a reprodução de um modelo eurocêntrico de estética. Há uma tendência para a naturalização da branquitude como ideal e padrão de beleza para homens e mulheres, fenômeno amplamente reforçado nos meios de comunicação. No cotidiano escolar as relações interpessoais, muitas vezes, agregam esse discurso de branqueamento, o qual desqualifica os traços físicos e a identidade do aluno negro. Nesta direção, em termos conceituais,

*"[...] a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram, sistematicamente, privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo" (SCHUCMAN, 2015, p. 84).*

As instituições de ensino têm um papel fundamental no combate ao mal social enraizado no racismo e no preconceito, fatos que se agravam com o ocultamento, ausência de punição e de práticas exemplares no sentido de amenizar os danos causados.

*"A escola, como espaço sociocultural pleno de contradições, como quaisquer outros espaços, abriga, em seu interior, relações entre crianças, que tanto podem reforçar como questionar as práticas discriminatórias vigentes nela" (CRUZ, 2014, p. 160).*

Ao longo do tempo, os mecanismos da gestão educacional não contemplaram ações no aspecto combativo ao racismo. Muitos alunos são vítimas de atitudes discriminatórias e sofrem com a falta de suporte institucional na defesa de seus direitos e na legitimação de tratamento igualitário. Nesse contexto, aumenta a responsabilidade dos profissionais da educação para que os alunos tenham experiências de aprendizagem marcadas não pela indiferença e negligência, mas pela convivência dialogada e amistosa no ambiente escolar. Para tanto é necessário desconstruir algumas crenças difundidas na sociedade, tal como da mestiçagem.

*"A mestiçagem é outro conceito-realidade que faz parte das relações étnicas no Brasil. É apresentada como embranquecimento e constitui-se e tem sido historicamente usada como mais um dos mecanismos que vão contra a construção de uma identidade negra brasileira, ao mesmo tempo em que se constitui em mecanismo estratégico que ajuda, em nível individual, na ascensão de negros e mestiços na sociedade brasileira"*(LIMA, 2008, p. 36).

O resgate dos valores da cultura afro-brasileira está na agenda política de um Estado que se propõe a educar para a inclusão de todos e para o desenvolvimento de uma nação capaz de orgulhar-se de suas origens étnicas. Para além das atitudes desproporcionais que diminuem a cultura de matriz africana, é urgente o respeito, a valorização da identidade do aluno negro. A memória social afro-brasileira, trabalhada em conteúdos curriculares na sala de aula, consiste num dos pilares para a superação da ideologia de branqueamento e da suposta mestiçagem harmoniosa.

É notório que "cor e cabelo estão intimamente ligados à estética e à feminilidade, e, no olhar de uma masculinidade racista, que ainda é hegemônica, o padrão deve ser o da mulher branca" (CRUZ, 2014, p. 165). Torna-se imperativo superar um modelo de socialização no qual as marcas do sexismo e o racismo ganham corpo na construção social do que é ser menina e negra. Nesta direção, Joffe (1998, p. 123) destaca os fatores psicodinâmicos, as projeções e fantasias, que formam representações polarizadas na relação com o outro. Para a autora, "à medida que a pessoa vai crescendo, ela assume uma identidade grupal, e uma necessidade de manter uma concepção positiva e pura de si [...] os grupos externos tornam-se depositários de sentimentos maus e odiosos [...]".

O cidadão afro-brasileiro pode atuar como protagonista no processo de mudança e contestação, reforçando os traços de sua identidade, contribuindo para desmistificar muitos estereótipos que prejudicam relações genuínas na vida em sociedade. Os alunos, por sua vez, quando educados a partir de valores humanitários e éticos, que correspondem a uma civilização avançada, tenderiam a lidar melhor com as diferenças fenotípicas, não implicando em julgamentos de ordem moral. Cabe ressaltar que

*"[...] existe um silenciamento de certas vozes, enquanto outras são mais orquestradas. Embora todos os grupos se afastem de si suas fantasias indesejadas, em tempos de crise, a criação de tais fantasias se desenvolve dentro de um clima ideológico em que certas práticas e pensamentos, e não outros, são considerados aceitáveis"* (JOFFE, 1998, p. 125).

Trata-se, portanto, além de uma questão política, de um empoderamento prático e discursivo por sujeitos inquietos com a opressão. Esse movimento coletivo envolve a ruptura com as ideologias dominantes, racistas e preconceituosas de uma sociedade que segrega as minorias e, ao mesmo tempo, privilegia o *status quo*. Há várias pesquisas que comprovam o distanciamento entre brancos e negros no Brasil. Há, também, pesquisas sobre a relação entre identidade dos negros e o uso de cabelos crespos, as quais "confirmam as denúncias do movimento negro sobre a importante

contribuição das imagens veiculadas na mídia em geral para a construção da identidade negra positiva, inclusive entre as crianças” (DIAS, 2008, p. 199).

Diante disso, compreende-se que as oficinas temáticas desenvolvidas no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Câmpus Votuporanga, sobre o cabelo crespo, foram fundamentais para o desenvolvimento de atitudes compatíveis com as ações afirmativas. A realização de ações afirmativas justifica-se, não apenas, por trazer à tona uma discussão em pauta nas relações raciais, como também, por disponibilizar um espaço diferenciado para o confronto com estereótipos que precisam ser questionados na convivência entre os discentes. Do ponto de vista cultural:

*“[...] as problematizações sobre identidade se articulam com a luta por políticas específicas de redução das desigualdades para a população negra, tais como os debates e intervenções no campo das políticas de ação afirmativa, a inclusão de temáticas relacionadas à história e cultura de base africana nos currículos escolares” (LIMA, 2008, p. 2008).*

As oficinas e dinâmicas de grupo, que fizeram parte dessa proposta, tiveram como intuito contribuir com a formação humanizada e crítica dos discentes, de tal forma que no decorrer das vivências fosse colocada em xeque a representação depreciativa e pejorativa sobre a estética do negro, com destaque para os termos que corroboram a noção do cabelo crespo como ruim ou defeituoso. Os determinantes sobre o que deve aceitar como norma vigente para toda população podem, também, ser discutidos na ótica de Foucault (2000, p. 294) sobre o biopoder.

O autor citado destaca que o biopoder instalou mecanismos aleatórios para otimizar um estado de vida, “mecanismos, como vocês veem [...] destinados, em suma, a maximizar forças e a extraí-las, mas que passam por caminhos inteiramente diferentes”. Nesse enquadre teórico, compreendemos que não se trata de uma proposta de intervenção educativa em que o cuidado com o corpo e a estética corporal ocupam função única de beleza, pois, o enfoque das ministrantes estava orientado para a aprendizagem significativa e emancipatória. É nos meandros das relações de poder, entre o discurso hegemônico que assegura o ideal de branqueamento e as formas alternativas de expressão corporal, que vislumbramos possíveis rupturas e resistências.

As atividades permitiram que alunos e servidores entrassem em contato com jovens mulheres, que eram militantes do movimento negro local, a partir de uma abordagem lúdica e colaborativa, despertando o interesse e o diálogo construtivo no ambiente escolar. Linhas de fuga e alternativas para o cuidado de si foram anunciadas de modo performático, inserindo a cultura afro-brasileira não como mero apêndice da escravidão, mas como potência para a vida livre, afetada positivamente no encontro com o outro. Empatia e alteridade puderam se opor a intolerância e a rivalidade, através de uma mediação competente pelas ministrantes do evento.

## **2. AÇÕES AFIRMATIVAS: POR UMA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO IDENTITÁRIA**

O racismo brasileiro tem relação direta com o olhar ocidental sobre a diferença. É evidente que o discurso etnocêntrico pressupõe a superioridade e a hierarquia entre as raças. Se, por um lado, a elite tende a excluir em termos econômicos, políticos e sociais, por outro, a mídia atua como instrumento mantenedor do *status quo* (FILHO, 2010). Os padrões estéticos do corpo e dos cabelos tendem a reforçar a discriminação e a impor características físicas que não fazem parte da maioria das mulheres brasileiras: o ideal é o corpo magro, com boa estatura, cabelos lisos e olhos claros. Trata-se da valorização da mulher de origem europeia em detrimento da realidade sul-americana.

*"O discurso identitário da elite ou classe dominante é diferente do discurso das classes dominadas ou subalternizadas. Quando os negros, através de suas entidades sociais, falam de sua identidade que deve passar pela negritude, a elite através de seus intelectuais orgânicos os criticam dizendo que eles querem dividir o Brasil, pois "nossa" identidade é única e mestiça"* (MUNANGA, 2012, p. 13).

A reprodução dos ideais de branqueamento repercute na própria aceitação do aluno negro enquanto sujeito esteticamente apreciável, capaz de defender publicamente os seus traços físicos e sua ancestralidade. Historicamente, no Brasil, o discurso racista se articulou a um projeto eugenista, como estratégia de gestão biopolítica da população mestiça, considerada inferior e em defasagem ao projeto positivista de sociedade.

*"Os racismos permitem ao poder dividir uma população em subespécies para designá-las em torno de um substrato biológico [...] a exclusão, o encarceramento ou a morte daqueles que são inferiores pode ser vista como algo que tornará a vida mais saudável e pura"* (RABINOW; ROSE, 2006, p. 34).

A cultura de branqueamento consiste em um dos pilares que sustentam os ideais de beleza e estética em nossa sociedade, um desdobramento do controle sobre as raças. Essa cultura interfere, objetivamente, nas relações interpessoais entre alunos e professores, brancos e negros. Cabe salientar que a raça negra surgiu, ao longo da modernidade, associada a um intelecto debilitado, com propensões animais muito fortes e com a moralidade latente. "As raças brancas, por outro lado, se associavam a um intelecto vigoroso e uma moralidade altamente desenvolvida" (JOFFE, 1998, p. 119). Essa tendência histórica justificou a exclusão, as políticas segregacionistas e a discriminação instituída no espaço público.

Seja nos palcos da moda, cinema e mídia em geral é evidente que a beleza negra surge como minoria, sendo colocada em segundo plano. Quando observamos a dramaturgia, por exemplo, o papel submisso e a inferioridade ainda se concentram no perfil delineado para os atores negros. A mulher negra é representada, em grande parte das novelas, filmes ou programas de TV a partir de papéis secundários, subservientes e com pouca formação escolar. Na mesma direção, os homens negros desempenham papéis marginais e problemáticos. Diante disso, são pertinentes as seguintes indagações:

*"Porque é tão importante ser ou parecer branco? Qual o grau de prestígio econômico ou simbólico que esse grupo detém, para que muitos procurem assemelhar-se a ele? A escola, o currículo e especificamente os livros didáticos, contribuem para a construção desse sentimento de superioridade por ter a pele clara e cabelos lisos, ser denominado e denominar-se branco?"* (SILVA, 2007, p. 88).

Em torno desse imaginário de branqueamento, que toma forma em relações interpessoais cotidianas, muitos alunos negros constroem suas identidades e compreendem o meio social em que vivem colocando-se como estranhos e diferentes dos padrões vigentes.

*"Embora a ideologia liberal negue as diferenças hierárquicas entre as raças, ela pressupõe a existência de diferenças em termos de progresso socioeconômico. A cor da pele estaria de alguma maneira associada seja aos valores progressistas do primeiro mundo (caso da cor branca), seja aos valores tradicionais e menos avançados do terceiro mundo (caso da cor*

*negra). Assim, as pessoas negras serão caracterizadas como mais ligadas a valores terceiro-mundistas e com aptidões naturais ligadas ao esporte ou à arte (espetáculo), enquanto que as pessoas de cor branca serão percebidas como possuindo aptidões para atividades intelectuais (qualificadas) ou atividades ligadas ao poder” (CAMINO; SILVA; MACHADO; PEREIRA, 2000, p. 23).*

Nesse âmbito, muitas vezes, o negro sente-se intimidado em assumir suas origens, fragmentando a memória social que deveria atravessar gerações. O uso de dreadlock ou cabelo enrolado nem sempre é adotado por esses alunos. A estética de longas tranças enroladas conhecidas como “cabelo rastafari”, “cabelo rasta”, dreadlocks, locks ou simplesmente dreads constituiu um signo cultural identitário de muita importância. Historicamente boa parte dos artistas do reggae contribuíram para a popularização e o uso dessas tranças, mas herdaram os apelidos depreciativos (ROSA, 2009).

Visando o amplo debate no contexto educacional em suas metas institucionais, o IFSP, por meio de sua Pró-reitoria de Extensão (PRX), tem proposto ações contínuas e contextualizadas de promoção da igualdade racial. Em maio de 2014 realizou o “I Seminário da Diversidade Cultural e Educação” intitulado “Sexualidade e Direitos Humanos, Relações étnico-raciais e Educação”, todavia restrito ao Câmpus São Paulo. Já em novembro do mesmo ano, a proposta consistiu em fomentar, em todos os câmpus, a realização da “Semana da Diversidade Cultural”. Evento este que, devido ao êxito alcançado, passou a ocorrer anualmente como um marco planejado na instituição.

Em 2015 a Pró-reitoria de Extensão do IFSP oficializou o NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas e emitiu uma Portaria com os membros efetivos. Esse órgão conta com a participação de distintos seguimentos da comunidade escolar: alunos, técnico-administrativos e docentes. As ações tiveram respaldo da Reitoria, no sentido de que a temática fosse tratada de forma abrangente em todos os câmpus do IFSP. Os desafios para o NEABI são muitos, pois, as raízes do racismo e suas consequências na vida escolar do aluno negro são complexas. O silêncio perante os agressores e preconceituosos é uma estratégia que mantém o aluno negro na condição de alvo preferencial. Sabemos que há realidades em que a comunidade escolar está unida e reconhece a legitimidade do NEABI, dando não apenas abertura para a discussão embasada e criteriosa, mas também acolhendo os casos em que o preconceito se manifesta, provocando a angústia e a indignação.

*“Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro” (MUNANGA, 2012, p. 10).*

### **3. RELATO DOS EVENTOS DE EXTENSÃO NO CÂMPUS VOTUPORANGA**

Em torno da temática discutida até então, os eventos da “Semana da Consciência Negra” aqui descritos foram realizados no IFSP, Câmpus Votuporanga, nos anos de 2014 e 2015 e tiveram como foco, preferencialmente, a comunidade interna da instituição, sendo aberto o convite para a comunidade externa. Da organização, participaram os servidores da Coordenadoria de Extensão, Coordenadoria Sociopedagógica e parceiros externos, como a Secretaria Municipal de Cultura, o Conselho da Consciência Negra e o Grupo Crespos e Cacheados (MEDECHA), todos do município de Votuporanga. A proposta foi refletir sobre a “Consciência Negra” de modo atrativo, lúdico e prático, para que houvesse interesse amplo da comunidade IFSP na valorização daquilo que é próprio do



Brasil: a sua vasta diversidade étnico-racial e cultural. No nosso país, com dimensões continentais, um contexto escolar tão diverso e, sobretudo, desigual,

*"[...] garantir o direito de aprender implica em fazer da escola um lugar em que todos e todas sintam-se valorizados e reconhecidos como sujeitos de direito em sua singularidade e identidade" (BRASIL, 2009, p. 5).*

Tendo em vista a natureza profissionalizante e a formação cidadã oferecida pelo IFSP, um novo desafio estava posto: promover ações de extensão ligadas à cultura Afro-Brasileira. Cabe ressaltar que não havia histórico de trabalhos com esta temática junto à comunidade interna. Com vistas ao cumprimento desta proposta inovadora, o Câmpus Votuporanga organizou a 1ª edição do evento de 17 a 25 de novembro de 2014. O tema local acompanhou àquele sugerido pela PRX, sendo "1ª Semana da Diversidade Cultural: Consciência Negra no Câmpus" e alcançou em torno de 180 participantes. Como objetivo maior era ambientar e introduzir o assunto, as atividades iniciaram-se com uma "Aula temática introdutória". A relação histórica entre África e Brasil foi contada pela "Mostra de cartazes". Foi exibido, na prática, o que é exclusão social com o documentário "Pro dia nascer feliz". A dança e a música africana puderam ser apreciadas nas apresentações de "Roda de Capoeira" (Companhia Alvorada de Capoeira) e do grupo de percussão "Axé Criança". O grupo é liderado por uma ativista do movimento negro local, a qual desenvolve ações em bairros periféricos, conciliando a inclusão social, a arte e a cultura negra.

A versão de 2015, com o tema local "Semana da Consciência Negra no Câmpus: Papo Crespo" teve como missão dar continuidade à promoção da temática por meio da valorização da diversidade étnico-racial e combate do racismo. Apesar do cronograma mais restrito, 16 e 18 de novembro, o evento ganhou maior abrangência junto à comunidade, tanto interna quanto externa: cerca de 250 participantes. Estendeu-se o debate por meio de "Rodas de Conversa". Oficinas direcionadas foram proporcionadas para o público afrodescendente: "Oficina de Turbantes" e "Oficina de Cuidados para Cabelos Crespos e Cacheados". A seguir trechos do relato de uma aluna que participou das oficinas e da roda de conversa.

*"[...] oficina "Se enrola na dica" tratou do preconceito de um modo diferente. Ilustrou que o cabelo crespo não remete a defeitos, ou seja, não há cabelo bom ou ruim. Inclusive, quem tem cabelo crespo tem que exaltar" (Participante).*

Nessas ações, os alunos vivenciaram, na prática, qual o tratamento mais adequado para os cabelos crespos, considerando que não é comum encontrar no mercado cabeleireiras (os) com essa formação profissional específica. Houve também a possibilidade de repensarem suas identidades, avaliando o cabelo crespos para além dos estigmas associados aos negros. Ou seja, os eventos promoveram, além da valorização das características fenotípicas dos negros, uma noção de que não há necessidade de adotar o padrão hegemônico de corpo e estética, em busca do ideal de branqueamento.

*"[...] ajudou a mudar o pensamento do aluno... observei mudanças em relação a aceitação do cabelo... Passaram a ver como uma coisa bonita e não como um defeito. É um cabelo diferente... que destaca a pessoa. Eu alisava porque não gostava, achava feio. É difícil uma pessoa da minha cor branca com cabelo crespo. Depois da palestra comecei a aceitar mais" (Participante).*

Cabe dizer que, apesar das oficinas terem o viés "afro", a maioria das dicas disponibilizadas servia para qualquer tipo de cabelo e com isso todos os interessados puderam aprender com as técnicas ministradas. Enfim, no fechamento, com vista no sucesso da edição anterior, novamente a "Roda de

Capoeira” foi apresentada. Diante da complexidade da temática, novos desafios para o pensamento crítico têm origem na interconexão contemporânea entre a identidade política, a autoafirmação do aluno negro e o combate ao racismo institucionalizado. Aos agentes educativos cabe identificar, nas relações escolares, possibilidades de diagnóstico que promovam transformações legítimas na autoridade e nas hierarquias impostas, fazendo a diferença na formação dos alunos, de tal forma, que a discriminação seja contraposta pela alteridade radical, pacífica e cooperativa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2014 e 2015 as ações desenvolvidas no IFSP - Câmpus Votuporanga, foram de grande importância para os discentes. Em termos de parcerias e articulações externas, o projeto MEDECHA que foi idealizado por um grupo de mulheres negras militantes, vinculadas ao Movimento Negro de Votuporanga. Foi compartilhado, com esse grupo de mulheres, o objetivo de resgatar a identidade cultural dos negros através do cuidado com o corpo, particularmente com o cabelo. Em 2015, a ação do grupo teve grande repercussão na comunidade escolar local, contribuindo para desmistificar preconceitos em relação à beleza afro-brasileira.

O racismo agrega um processo de hierarquização, exclusão e discriminação de uma categoria social, a qual passa a ser definida como diferente, inferior, tendo como base traços físicos que simbolizam o desvio da norma (PAULA; PEREIRA; SARTORI, 2015). Em uma sociedade cada vez mais intolerante quanto aos direitos humanos conquistados pelas minorias, nota-se a importância de combater atitudes preconceituosas, tal como constamos na linguagem pejorativa em relação aos cabelos do negro, representado como ruim. A desconstrução de preconceitos e do racismo institucionalizado no palco escolar torna-se um imperativo para que os discentes tenham consciência de que a convivência com o outro prescinde o respeito, para além das origens raciais, socioeconômicas, de gênero ou orientação sexual.

Cabe ressaltar que a “Roda de Conversa Papo Crespo” permitiu, também, ampliar a discussão acerca do preconceito e da discriminação, não apenas em decorrência do tipo de cabelo ou cor de pele, mas também devido a outros fatores que envolvem: a homofobia, a cultura do estupro, a intolerância política e/ou religiosa. A duas edições do evento desenvolvidas no Câmpus Votuporanga foram positivamente avaliadas, haja vista que os participantes vivenciaram novas experiências culturais, alcançando assim, os objetivos do evento. Todavia, o desafio de promover estes valores deve ser contínuo e incessante, sendo crucial aproximar a prática escolar da realidade sociocultural de cada aluno, sem exclusão, pois educar é “[...] construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer, com outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...]” (FREIRE, 1979, p. 21).

A “Roda de Capoeira” permitiu que os alunos tivessem contato com elementos da cultura afro-brasileira, a partir do desempenho da experiente Companhia Alvorada de Capoeira. Houve interesse e participação coletiva. O grupo “Axé Criança” exibiu clássicos do Maracatu e do Samba-Regge nordestino, possibilitando aos discentes apreciarem o ritmo dos tambores e narrativas poéticas sobre os escravos no Brasil. Nesta direção, as ações atenderam a educação para relações étnico-raciais desenvolvendo

*“[...] situações de aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimento, quebra de desconfianças: um projeto conjunto para a*



*construção de uma sociedade justa, igual e equânime”* (BORGES, 2010, p. 75).

O processo de fomentar a história e a cultura africana e afro-brasileira não é uma tarefa fácil, porém, a manutenção de uma postura crítica e ativa, com relação à valorização desses elementos culturais na construção do Brasil, possivelmente permitirá vislumbrar mudanças concretas no cotidiano, no sentido da tolerância e do respeito ao outro. Isso só será possível com boas práticas por docentes e discentes. Enfim, torna-se imperativo sair da fase discursiva e propositiva sem ações correspondentes e

*"[...] entramos na verdadeira fase de engajamento para transformar a sociedade; sairemos do pesadelo para entrar num sonho, e do sonho para entrar numa verdadeira esperança”* (MUNANGA, 1996, p. 219).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais** – Lei 10.639/2003. Brasília: 2009. Disponível: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 01 fevereiro de 2016.

BORGES, E. M. de F. **A inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica**. Revista Mestrado História, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 71-84, 2010.

CAMINO, L., SILVA, P. D., MACHADO, A.; PEREIRA, C. **A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica**. Revista de Psicologia Política, n 1, v1, 13-36, 2001.

CRUZ, T. M. **Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças**. Educação Revista, v. 30, n. 1, p. 157-188, 2014.

DIAS, L. R. **Cabelos crespos, gênero e raça: práticas pedagógicas de combate ao racismo na educação infantil**. In: CARVALHO, M.; PINTO, R. P. (Orgs.). Mulheres e Desigualdades de Gênero, São Paulo: Contexto, 2008, v.1, p. 191-207.

FREIRE, P. **Teoria e Prática da Liberdade: Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOFFE, H. **Degradação, desejo e o “outro”**. In: ARRUDA, A. (org.), Representando alteridade. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 109-148.

KERN, G. da S. **Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil**. Cadernos IHU Ideias (UNISINOS), v. 13, p. 1-23, 2015.

LIMA, M. B. **Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica**. Revista Fórum Identidades, v. 3, p. 33-46, 2008.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Série Princípios, v. 40. São Paulo: Ática, 1996.

MUNANGA, K. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente:** um racismo ao avesso? Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN, v. 4, p. 6-14, 2012.

PAULA, A. S. de; PEREIRA, L. F. D.; SARTORI, R. M. **A (des)construção do preconceito linguístico no ensino superior.** Plures Humanidades, v. 15, n. 2, 2015.

SILVA, A. C. **Branqueamento e branquitude:** conceitos básicos na formação para a alteridade. In: NASCIMENTO A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). Memória e formação de professores, Bahia: UFBA, 2007, p. 87-102.

RABINOW, P., ROSE, N. **O conceito de biopoder hoje.** Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, v. 24, p. 27-57, 2006.

ROSA, M. S. **Repensar a História:** Visual dreadlocks. Revista Brasileira do Caribe, Brasília, v 9, n. 18, 2009, p. 485-501.

SCHUCMAN, L.V. **Sim, nós somos racistas:** estudo psicossocial da branquitude paulistana. Psicologia e Sociedade, v. 26, n. 1, p. 83-94.